

## O PROBLEMA DA REDAÇÃO DIANTE DA TRANSFORMAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA\*

M. Lúcia Santaella Braga\*\*

Seria ingenuidade ver a crise da linguagem escrita (e daquilo que chamamos redação) apenas como fruto da invasão das cruzinhas nas provas escolares e nos exames vestibulares. Aliás, essa invasão mesma das cruzinhas não surgiu em razão da tão falada objetividade da correção, mas como resultado inevitável da massificação do ensino. E esta, por sua vez, não se confunde com democratização do ensino, mas está mais próxima de toda a problemática envolvida pela industrialização da cultura.

Não resta dúvida de que a teia de questões é intrincada e extensa. Não a abordaremos, portanto, por inteiro, mas apenas em alguns de seus fragmentos que tocam mais proximamente o problema da linguagem escrita, no seu processo de ensino-aprendizagem e, neste, incluso o processo de avaliação (para não dizer correção, visto que esta palavra já carrega a marca da imposição e do autoritarismo que deixa implícito seu outro lado: a submissão).

Ora, a aprendizagem da linguagem verbal escrita se revela como uma verdadeira pedra no meio do caminho do ensino massificado, e a avaliação da redação é algo para o qual, evidentemente, o computador ou professores computadorizados não têm registro. Diante de tal impasse,

- Transcrito de: Revista da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo. São Paulo, v. 49, n. 97, jan./jun. 1979. p. 58.
- Professora de Comunicação e Semiótica de Pós-Graduação da PUC-SP.

Em Aberto, Brasília, ano 2, n. 12, janeiro 1983

nada mais eficaz do que extirpar, sem demora, essa pedra do fluxo massivo onde seu obstáculo mais se faz sentir: os vestibulares.

Não foi preciso, no entanto, muito tempo correr para que eclodissem os efeitos de uma flagrante crise da linguagem verbal escrita: os estudantes penetravam os "umbrais" da universidade e tinham sua iniciação na vida acadêmica, malmente conseguindo ler sequer pequenas partes dos textos que deveriam entender e raramente se fazendo inteligíveis nas poucas linhas que eram obrigados a escrever. Por razões óbvias, a crise se fez sentir em primeira instância nas áreas das chamadas ciências humanas, visto que a linguagem que veicula essa ciência é a verbal.

Mais do que rapidamente, porém, os efeitos de uma análise apressada e mecanicista dessa crise também se fizeram sentir. Não faltaram os superciliosos (e, aliás, profundamente ingênuos) defensores do purismo da "língua-mãe-pátria" e, ao lado deles, os analistas mecânicos da cultura: se a linguagem verbal não está sendo preservada ou, pior que isso, está sendo destruída, é porque não está sendo ensinada nas escolas. E a razão desse menosprezo se deve ao fato de que os alunos não mais precisam saber escrever para enfrentar os vestibulares. Conclusão: para corrigir todo o problema, basta revogar a questão — voltam as redações aos vestibulares, apesar do pesar e do contratempo de que o computador infelizmente ainda não esteja programado para avaliá-las.

Não estamos negando que o processo acima descrito tenha contribuído para a crise, ou talvez, para fazê-la mais evidente. Não estamos também, simplesmente, lamuriando os passos da História para enaltecer a originária pureza natural de uma cultura sem computadores, sem televisão, etc, pois, nesse caso, teríamos de desprezar também o rádio, o cinema, o jornal, o próprio livro e qualquer outro veículo de transmissão de mensagens/informação. Não pretendemos ainda, cair na ingenuidade de

engrandecer um passado cultural de ensino individualizado (que, aliás, o era para uns poucos privilegiados). O que estamos tentando, na realidade, é vazar a superfície aparente dessa crise, procurando focos um pouco mais profundos de análise (se bem que só a possamos desenvolver parceladamente aqui).

Parece-nos que a problemática em que hoje está envolvida a linguagem escrita, assim como seu ensino, tem um início bem anterior ao ABCD das cruzinhas. Isso nos remete necessariamente ao momento histórico em que a linguagem escrita no Ocidente e seu veículo de transmissão - o livro — se iniciam num gradativo e crescente processo de perda de hegemonia e exclusividade como veiculadores da cultura. Não é novidade, talvez para ninguém, que a revolução industrial trouxe consigo não apenas a invenção de máquinas substitutas da força física-muscular do homem, mas também a invenção de máquinas capazes de produzir-reproduzir linguagem. Não nos cabe aqui, a partir disso, uma análise da interação entre o sistema de produção econômico-material e o processo de produção cultural. Ater-nos-emos apenas, a apontar para uma crescente multiplicação dos meios de reprodução técnica responsável por uma aceleração no processo de produção de códigos e linguagens.

Ora, essa verdadeira inflação de linguagens (à maneira da invasão dos pássaros de Hitchcock) não poderia manter impávida e colossal a linguagem verbal escrita e a natureza da cultura por ela veiculada (o saber das 'belas' letras, 'belas' artes e da 'bela' ciência: a Filosofia). Não apenas a linguagem verbal vai gradativamente perdendo uma série de funções de que ela era detentora com exclusividade, como também a própria escrita começa a passar por transformações tão evidentes que só o foram até hoje apontadas por poucos, talvez porque a História corre mais velozmente através de nós do que a nossa capacidade (rara, mas não impossível) de lê-la. Em termos da linguagem escrita, por exemplo, poucos<sup>1</sup> se apercebem da evidência de que, com o desenvolvimento dos

meios de impressão, dos tipos gráficos, da ampliação e utilização do espaço da página dos jornais, revistas, e do papel nos 'out-doors', o código escrito se ergueu de sua posição deitada, rastejante, característica do livro, para adquirir uma posição ereta: levantou-se, verticalizou-se, e nossos olhos, na maior parte das vezes, não mais se debruçam sobre as letras: elas nos defrontam cara a cara.

Em suma: isso não quer dizer que o livro tende a desaparecer. Não estamos aqui para profecias. O que podemos enxergar, contudo, é que a linguagem verbal não é mais exatamente aquilo que foi, nem detém as mesmas funções. O que podemos enxergar, também, é que sua crise (ou melhor, transformação) não trouxe apenas aspectos negativos, como o afirmam os guardiões da correção gramatical, mas também aspectos positivos. Chamemos, na falta de um nome melhor, esses aspectos positivos da possibilidade do surgimento de "consciência de linguagem". Isto é, o fato de que a linguagem deixe de ser tomada como mera dádiva natural, para cuja expressão escrita, basta impor as regras indiscutíveis fornecidas pela cartilha (aliás, coercitiva) do 'bem' escrever. E isto porque, apesar da autoridade sepulcral das gramáticas normativas, a língua é um organismo vivo na evidência de sua existência social. E, como qualquer coisa viva, tende a se readaptar e, no caso, se auto-pensar. Não é por mero acaso (sem negar outras razões históricas) que a ciência da linguagem verbal (a lingüística) tenha surgido justo em meio à crise de seu próprio objeto. E é assim, que as ciências da linguagem passam a indagar e questionar seu objeto, buscando ver o que estava oculto por trás dos axiomas das crenças.

A primeira grande crença desmistificada foi a da concepção do pensamento e linguagem como entidades separadas. O pensamento não é uma imaterialidade pairando nas nuvens de uma "alma" individual ou coletiva, mas se acha indissolúvelmente ligado ao desenvolvimento de nossa capacidade de organizar e criar linguagens. E aqui, estamos indo

matrizes culturais. Outro pensador polêmico, que tem enfrentado, sem desvios e escusas, a problemática da multiplicação de códigos e linguagens e a conseqüente descentralização do verbal, é Décio Pignatari.

<sup>1</sup> Entre esses poucos, cumpre salientar Walter Benjamin, autor de textos fundamentais a respeito dos meios de reprodução técnica como geradores de novas

além das conclusões da lingüística, pois esta, como ciência da linguagem **verbal**, vê o pensamento ainda retido nos limites do verbal, ou tenta explicá-lo dentro da lógica desses limites. Pensamento é linguagem, mas não exclusivamente lingüístico. Caso contrário, grandes artistas e grandes cientistas seriam seres-não-pensantes. Isto é, não pensamos apenas dentro da ordenação das cadeias lingüísticas. E a realidade está aí para fornecer evidências concretas para a nossa argumentação. Somos hoje mais leitores de formas e de suas interações do que de estruturas apenas lingüísticas.

Por outro lado, não demorará muito (esperamos) para que não se veja nesses questionamentos um mero retorno às indagações escolásticas. Se não há pensamento isolado da práxis, também, não há práxis isolada do pensamento. E pensamento entendido como linguagem, e linguagem como não exclusivamente verbal, e não-verbal não querendo apenas dizer imagem no sentido visual do termo. E isso, sem cair na concepção idealista de uma "psique interna fluida". Linguagem é coisa concreta. Todo fenômeno funcionando como linguagem tem alguma espécie de corporificação material seja em som, massa física, movimento, cor, formas ou algo semelhante. E o corpo exterior da linguagem não é simplesmente uma vestimenta, meramente um meio técnico para a realização de um efeito interior nebuloso: o entendimento. Este, em si, só pode aparecer em alguma espécie de material de linguagem — mesmo que seja interior — pois o fato de ser interior não significa que a linguagem não esteja aí investida de uma complexa materialidade que lhe é própria, pois que se objetiva numa outra materialidade exterior (isto é, em forma comunicável, não necessariamente verbal). Entender é uma resposta a uma linguagem em outra linguagem. Caso contrário, estaremos ainda retidos numa filosofia idealista da cultura ou em estudos sociais psicologistas sob o rótulo de sermos dialéticos. A dialética da ação sem a correspondência também dialética da linguagem, concreta e materialmente concebida, está destituída de uma perna sem poder caminhar e vice-versa. Não é por mero acaso que falar em ideologia é penetrar literalmente numa Torre de Babel (e nela ousar penetrar, mesmo sabendo que minha fala pode soar como mais um ruído para o desentendimento ou como mero sussurro em meio ao alarido).

Em Aberto, Brasília, ano 2, n. 12, janeiro 1983

Toda linguagem é por natureza ideológica<sup>2</sup> (não se entendendo ideologia aqui, estritamente como falsa consciência), pelo fato de que a linguagem, quando percebida materialmente, aparece como duplamente real: não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas é também em si um segmento material dessa mesma realidade. Ou melhor, sem deixar de ser uma parte da realidade material, a linguagem reflete, refrata, ou, até certo ponto, pode colocar, em crise essa realidade. A ideologia não está pairando no éter incorpóreo de uma consciência (individual ou coletiva) indefinida. Seu sistema suporte físico é a linguagem. Nessa medida, consciência individual é parte integrante de um corpo ideológico-social, pois que toma forma nos materiais de linguagem criados pelos grupos sociais no seu processo de interação. Nessa medida também, a linguagem necessariamente se evidencia como uma faca de dois gumes: se, por um lado, pode ser utilizada como instrumento de dominação e mistificação (câmera escura) de nossas condições reais de existência social, por outro lado, é o único meio que temos de desvelamento crítico e crístico dessas mistificações, visto que é um material capaz de se forçar para dentro da moldura de nossas consciências, transformando-a. É nessa medida ainda, que sou levada a pensar que uma ciência das linguagens não deveria ser desdenhada e vista apenas como um fetiche a mais para uns poucos adoradores.

Após esse esboço (ainda que grosseiramente pincelado) de questões, creio que podemos retomar, repensando, o que nos propusemos pensar no início. O ensino de redação, desligado de indagações como essas, parece-me não apenas anacrônico, como também alienante e mistificador. Vivemos sob a insígnia de um tempo (e disso não podemos nos esquecer) em que o ato de fazer linguagem deve ser simultâneo ao ato de

Grande parte das colocações, que ora faremos, deve-se à leitura de uma obra da maior importância, infelizmente apagada, juntamente com seu autor, nos expurgos stalinistas. Referimo-nos a "Marxism and the Philosophy of Language" de V. N. Volochinov. Durante quase 50 anos essa obra deixou de ser divulgada o que é historicamente lamentável, visto que contém, desde 1928, pontos fundamentais a respeito da relação linguagem-ideologia para repensarmos o estudo da cultura com base no materialismo dialético.

pensá-la criticamente. Caso contrário, ou nos tornamos prolongamentos inocentes dos instrumentos de dominação ideológica, ou feras que vociferam contra o poder, utilizando a mesma linguagem em que o poder se fala. As armadilhas da linguagem não são poucas, assim como não o são as da ação, visto que inseparáveis, e mais que isso, na maior parte das vezes em radical contradição.

Que prováveis conclusões podemos extrair disso? Ensinar linguagem deveria, simultaneamente, significar desenvolver "consciência de linguagem". Uma de suas facetas: a de que cada campo de manifestação de linguagem é por natureza ideológico, pois que tem sua própria espécie de orientação em direção à realidade, cada um refratando a realidade a seu próprio modo. Há, no entanto, formas de linguagem (e isso em qualquer veículo) que se atualizam para o uso e abuso do poder, na medida em que são monologantes, impositivas, usurpadoras da possibilidade de nos deslocar-colocando a realidade em questão. Há formas outras, por outro lado, que se concretizam para a interação, formas reticentes... não as reticências e mal-entendidos mistificadores, mas as fendas abertas para a entrada do outro, na sua outridade, que nos recoloca (agora e continuamente).

Quando dissemos ao início que a linguagem verbal está em crise, não quisemos com isso levar a entender que não tenha mais função. Está, isto sim, em permanente questionamento pela pressão de outras linguagens. Seu poder descentralizou-se. Se há alguma coisa a aprender com essa descentralização não é senão explorar os pontos de força de cada linguagem, desenvolvendo nossa capacidade de apreender códigos e linguagens. A natureza de um código é ser crítico do outro. E a natureza do verbal hoje é estar sendo questionado ao mesmo tempo que questiona os outros. E só não enxergam isso, aqueles que aliam a segurança do seu mundo com a imutabilidade de sua linguagem e a repetibilidade de suas ações.

Nessa medida, louvação ao retorno das redações aos vestibulares, visto que, direta ou indiretamente, pode significar desafio ao ensino tendencialmente monológico de um receituário imposto. Mas isto, desde

que não se entenda por redação o sádico fanatismo de se sair apenas à caça de erros gramaticais. Se linguagem fosse apenas assimilação de regras gramaticais, seríamos todos doutores em redação, pois as recebermos aos borbotões em nossa vida escolar. Escrever um texto é estar sempre reaprendendo, buscando bússolas de orientação num espaço de escolhas e de opções para um pensamento que se tece no ato de se entretecer com a linguagem dos outros.

Isso não quer dizer que ensinar redação é impossível, ou seja, cada um que vá aprendendo sozinho a bater a cabeça onde melhor lhe aprouver. Ensinar redação não me parece, ainda, que signifique jogar um tema a esmo, a partir do nada, e colocar o outro diante do vazio da folha branca para ver no que dá e, ainda por cima, chamar comodamente a isso liberdade ou criatividade. Não é, ainda, sentar-se confortavelmente (música de fundo) à espera do "lance santo e raro da inspiração". Não consigo ver de outro modo senão como uma espécie de trabalho (atividade orientada) e para não ver assim, precisamos ser adeptos muito convictos de uma teoria da dissociação radical entre trabalho físico e intelectual, que nega não apenas qualquer fisicidade ao cérebro (isto é, vendo o cérebro como pertencente ao mundo do etéreo) como também se esquece de que, no caso do escrever, a mão e seus prolongamentos (máquina de escrever, etc.) são instrumentos de trabalho tanto quanto quaisquer outros. O material de trabalho (a linguagem) apresenta, no entanto, caracteres peculiaríssimos que fazem com que a atividade seja simultaneamente lúdica. E apontaremos aqui para apenas um dos aspectos envolvidos nessa questão que, em termos históricos, nos parece fundamental: em plena era da automação, a atividade do escrever guarda ainda todos os resíduos de uma atividade de trabalho artesanal. E essa atividade tende a se aproximar da criação quanto mais se afasta dos padrões entorpecidos das normas automatizadas do verbal. Não queremos com isso dizer que toda criação deva ser necessariamente artesanal, mas queremos tocar num ponto em que em todo e qualquer ato de criação, por mais mediações inorgânicas, aparelhos, máquinas, instrumentos que se interponham entre o agente e o produto, aquele não perde nunca o caráter de agente, deixando indelevelmente no produto as marcas de uma atividade que, sem deixar de ser trabalho, é

simultaneamente jogo: o material é enformado dando forma à atividade que o engendrou.

Basta um exemplo: um corte, desatando dois instantes de imagens televisivas, que recebemos em casa como produto, é fruto de uma mediação complexa de máquinas/pessoas/fios/ondas. No entanto, aquele corte, naquele exato instante e com aquele tipo de ligação capaz de criar um indiscernível efeito de qualidade de percepção (emoção) no receptor, foi fruto de uma seleção que se operou num átimo de segundo definitivo (porque irreversível) em que o diretor escolheu (selecionou) apertar aquele botão e não um outro, pois, se fosse outro, tudo ou quase tudo daquele efeito singular estaria perdido...

Em suma, o que queremos enfatizar: as atividades complexas de produção da linguagem, através da mediação de aparelhos, máquinas, pessoas, não significam necessariamente castração de nossas forças criativas, mas o aparecimento de novos meios e formas de criação para os quais nossos sentidos e inteligência crítica devem estar abertos; o aparecimento desses meios produz formas e conteúdos reais de linguagem

dessemelhantes ao verbal e produzem simultaneamente modificações em nossa cabeça, em nosso sistema nervoso, nos modos como apreendemos e inteligimos o mundo, ao mesmo tempo que provocam e são provocadas por fundas modificações nas interações sociais; os procedimentos de ensino da linguagem verbal, que não se disponham a enfrentar o confronto das transformações que estão se operando nos processos e na lógica de engendramento do próprio verbal, tendem a se tornar cada vez mais obsoletos e inoperantes; a teoria e a prática da linguagem verbal que não se desenvolvam também nas artérias de uma crítica da linguagem e de sua natureza histórica, ideológico-social tendem a um mecanicismo do verbal muito maior do que o de qualquer linguagem produzida pela mediação de máquinas. Mas, pior que isso: tendem a mistificar o papel da ciência da linguagem, como se esta habitasse um território acima de quaisquer suspeitas, alheio às tensões das forças sociais.

Não me prolongarei mais. Seria caminhar para dentro de um campo mais extenso de questões. Deixo aqui apenas um primeiro esboço de indagações para que você, caso queira, pense comigo.